

Fantasma Nacional

Economia - Brasil

"Fora daqui, o FMI."

"E o que é o pacote? É a entrega da Nação."

"Estatais: patrimônio do povo. Moratória já."

"Em defesa das estatais. Pela soberania nacional."

É o que diziam faixas e palavras de ordem muito aplaudidas na passeata realizada quinta-feira, no Centro do Rio.

Simultaneamente, uma alta fonte governamental revelava que, como o Brasil já aprendeu a conviver com uma moratória de fato, tenta, agora, buscar a força de pressão dos bancos credores para obrigar o FMI a aceitar que o Brasil fixe metas econômicas mais realistas e factíveis.

Pode parecer um bizarro exercício de *political-fiction*, mas tentemos imaginar, por um instante, que essa alta fonte governamental, por um lapso de origens desconhecidas, usasse algumas das palavras de ordem utilizadas na passeata da Cinelândia. Por exemplo: o burocrata governamental — não o da passeata, mas o que falou ao JORNAL DO BRASIL sobre a nova estratégia brasileira para negociar com o FMI — não poderia dizer coisas como "Fora daqui, o FMI"? Ou "E o que é o pacote? É a entrega da Nação". Seria impossível?

Claro que não. A nova estratégia brasileira para enfrentar o FMI poderia, perfeitamente, estar reproduzida nos estandartes da passeata. Assim, tratemos de dar um fora no FMI. Por quê? Porque o FMI contratou com o Brasil a cessão de empréstimos em troca de um programa econômico que não cumprimos — porque o consideramos muito rígido. E por que o Brasil não cumpriu o acordo? Qual foi o ponto nevrálgico? O déficit público. Na verdade, o FMI suspendeu a liberação da segunda parcela do empréstimo ao Brasil, sobretudo porque o Governo se comprometeu a cortar nos gastos públicos muito mais do que efetivamente conseguiu. E o que é o déficit público? É a estatal. Ou seja, foram precisamente as estatais e seu impacto sobre o déficit público os maiores responsáveis pela frustração de um programa econômico austero — um pacote — sério como aquele que o FMI pensou que o Brasil tinha assinado com ele. Logo, nessa lógica de passeata, o que é o programa econômico austero (o "pacote")? "É a entrega da nação" ao FMI. Nada mais razoável, assim, nessa mesma linha de raciocínio, do que declarar uma moratória, ainda que protegida por eufemismos: azar para o FMI, esse agente do imperialismo, porque, entre ele e a soberania nacional (as estatais), o povo fica com as estatais. Ou, como diz a faixa da passeata: "Estatais: patrimônio do povo. Moratória já."

Admitamos que é fantasioso uma "alta fonte governamental" começar, de uma hora para outra, a expressar-se sob a forma de palavras de ordem de passeata.

Admitamos, então, nesse exercício de *political-fiction*, que Getúlio Vargas, Ernesto Geisel e Leonel Brizola, por uma armadilha da máquina do tempo, fossem juntos à passeata. Pergunta-se: os três, em coro, não seriam capazes de repetir, com

igual ânimo e ardor cívico, as mais aplaudidas das palavras de ordem da passeata? Por exemplo: "Em defesa das estatais. Pela soberania nacional." Ou "Estatais: patrimônio do povo."

O que há em comum entre os funcionários das empresas estatais que fizeram a exuberante passeata da Cinelândia; a alta fonte governamental que explicou ao JORNAL DO BRASIL como demos um elegante *fora* no FMI; Getúlio Vargas; Ernesto Geisel e Leonel Brizola?

O centralismo, a estatização e o nacionalismo.

Esses três ingredientes fazem parte da alma nacional de forma arraigada, desde a Casa de Aviz. O Brasil é isso: o centralizador, estatizante e nacionalista.

Por uma dessas artimanhas da História, a centralização, o estatismo e o nacionalismo se encontraram em torno do impasse econômico de 1983. Havia um encontro marcado naquela quinta-feira, no Rio, na Cinelândia. O mesmo motivo que impede a austeridade econômica — porque as estatais são incontornáveis — serve de motivo para levar às ruas os filhos diletos da centralização e da estatização — os bem pagos funcionários das estatais. Por ironia, eles não saem às ruas para defender seus salários (e privilégios). Mas para defender a soberania nacional, o nacionalismo, ou seja, a roupagem ideológica que cobre a centralização e a estatização. Existe algo mais parecido com a herança varguista, a gestão econômica do Governo Geisel, ou a plataforma do socialismo moreno brizolista?

E o que é mais intrigante: é a mesma exaltação da soberania nacional que impele o burocrata governamental a dar um fora (ainda que sob eufemismos) no FMI. Mas, claro, não poderia ser de outro jeito: "E o que é o pacote (ou seja, o controle das estatais)? É a entrega da nação".

Respira-se no ar — e não só no ar da Cinelândia — a velha chantagem nacionalista. Não é só na Cinelândia. Toda essa estratégia de jogar os bancos credores contra o FMI lembra um daqueles fantasmas que Roberto Campos vem tentando, em vão, exorcizar. Não é um despropósito temer que o Governo, paralisado diante da impossibilidade de cortar os custos nas estatais (e, portanto, de fazer um programa austero; e, portanto, de cumprir o que acordou com o FMI), recorra ao mais poderoso ingrediente do inconsciente coletivo desta pobre nação latino-americana: o nacionalismo.

Só que essa arma é muito perigosa. Depois de disparada, é impossível controlá-la. Depois que sai da mão de Mefisto, toma rumo próprio. É mais ou menos assim: qual o alcance de uma bomba atômica? Mas, a tentação, convenhamos, está à altura de Mefisto. Por que o Governo não haveria de sonhar que aquela passeata poderia se transformar numa passeata a favor de um Governo centralizador, estatizante e nacionalista? E se aqueles bem vestidos protestadores estivessem ali para bater palmas ao burocrata governamental que disse, com elegância, "fora daqui, o FMI"?